

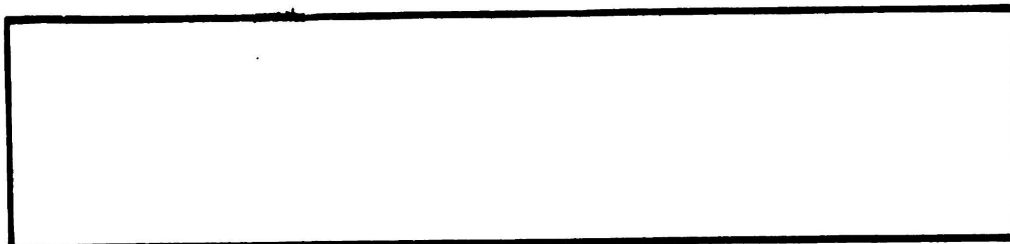
ESPERANTO



Notícias

Boletim Informativo da Liga Brasileira de Esperanto
Praça da República 54 - 29 andar - 20.211 - Rio de Janeiro - RJ
BRASIL (Tel: 232-6309)

NÚMERO ESPECIAL.....DEZEMBRO/84



IMPRESSO



1887-1987
Centara jubileo de Esperanto

ESPERANTO: UMA LÍNGUA PARA A ERA DA COMUNICAÇÃO

HOMENAGEM AO CRIADOR DO ESPERANTO

Em comemoração ao transcurso de mais uma data natalícia de Luiz Lázaro ZAMENHOF, o criador da língua internacional esperanto, a Liga Brasileira de Esperanto fará realizar, no próximo dia 15 de dezembro, sábado, às 16 horas, no Auditório da SUESC, à Praça da República 50, uma programação cultural dirigida, principalmente, ao público não-esperantista e que constará de:

1. Palestra, em português, do Dr. PAULO SÉRGIO VIANA, versando sobre "Zamenhof e sua Obra";
2. Apresentação de um audiovisual, com texto em esperanto, intitulado "Brasil Turístico";
3. Apresentação de um material audiovisual, editado em português e em esperanto, pelo próprio autor, Prof. Sylla Chaves, da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Bichinhos, Bichões e Bicharocos";
4. Lançamento das últimas obras do Prof. Sylla Chaves.

AGRADECEMOS A DIVULGAÇÃO!



L. L. ZAMENHOF
(1859 - 1917)

"As qualidades do esperanto residem em sua estrutura gramatical simples e lógica, no genial sistema de afixos e, principalmente, no fato de que cada pessoa que o aprende, não o sente como se fosse uma língua estrangeira, mas sim como se fosse a sua própria língua".

IVO LAPENNA
Professor e Jurista

A maior contribuição do esperanto para a solução do problema das comunicações internacionais consiste em ser ele o primeiro idioma artificial que não nasceu morto, como quase todos os seus predecessores, nem morreu ao cabo de alguns anos de vida, com a extinção do entusiasmo dos seus adeptos, como o volapuke. Hoje ele tem a idade venerável de noventa e sete anos sem dar mostras de enfraquecimento. É o único idioma artificial que não somente sobreviveu a seu criador, mas chegou a ser utilizado realmente como língua auxiliar.

Para verificar-lhe a praticabilidade, resolvi ler, à guisa de teste, um livro escrito nesse idioma, presente do meu ilustre colega e amigo Prof. J.B. de Melo e Souza, esperantista militante. A experiência valeu: unicamente armado do quadro sinótico da gramática numa só folha e de um vocabuláriozinho de bolso, contendo uns dois mil radicais, prefixos e sufixos da língua, consegui entendê-lo com exceção de poucas palavras e pouquíssimas frases.

O que menos esperava, porém: o livrinho me prendeu menos pelos atrativos da língua que pelo interesse do assunto. É uma biografia de Zamenhof, o fundador do esperanto, por Edmond Privat. A sua leitura faz-nos compreender que não foi por acaso que de tantas tentativas de línguas artificiais precisamente o esperanto logrou vingar. Seu inventor era um indivíduo excepcional, com dotes notáveis de inteligência e de caráter. Talvez houvesse entre os precursores do idioma auxiliar espíritos mais brilhantes - um Leibniz, por exemplo; nenhum, porém, teve a constância de Zamenhof, que soube dedicar a existência a essa idéia.

É realmente apaixonador acompanhá-lo através da sua singular carreira. A idéia de criar uma língua internacional destinada a estreitar os laços entre os homens dos diversos países não lhe veio de relance, numa revelação divina, como o volapuke aparecera a Mons. Schleyer. Ela vinha amadurecendo em seu espírito desde menino sob as impressões de sua infância. Filho de um pobre professor judeu, desde cedo teve Zamenhof de sofrer o choque de ódios raciais, nacionais e religiosos em Bialistock, sua cidadezinha natal, onde, sob o domínio russo, polacos, lituanos, judeus e alemães, acantonados em seus respectivos idiomas, viviam a detestar-se uns aos outros. (Depois compreenderia que a divergência dos idiomas não era a principal responsável de toda aquela incompreensão; havia interessados em insuflar aqueles ódios. Em todo o caso, a diversidade das línguas facilitava-os). Impunha-se uma língua de comunicação internacional para aproximar os homens de todos os Bialistocks do mundo. Convenceu-se facilmente de que, para ser aceito por todos, essa língua não podia ser nenhum idioma nacional e resolveu fazê-la.

Nunca ninguém se apegou a um sonho com teimosia maior. Bilíngue, ou antes, trilingue, desde criança (pois falava polaco, hebraico e alemão), o jovem Ludwig Lazar aprende no ginásio russo e francês, adquire rudimentos de latim e grego. É ainda ginasiário quando principia a sonhar com o seu idioma. Como quase todos os seus predecessores - cujos esforços e resultados ignora - primeiro quer fazê-lo novo em folha, só de palavras inventadas, todas monossilábicas, coordenadas por preceitos de pura lógica. Seria mais uma dessas línguas apriorísticas, de cujos tómos a história cultural está cheia. Mas no sexto ou sétimo ano do ginásio vislumbra de repente as vantagens múltiplas da sufixação. Ao mesmo tempo seus estudos de inglês lhe revelam que pode haver línguas de cultura sem complexas regras de gramática.

Paralelamente aos estudos secundários vai elaborando o seu sistema com teimosa paciência. Alguns colegas de turma se tornam seus adeptos, e num dia de 1878 - quando Ludwig Lazar ainda não tem dezenove anos - uma cerimônia estranha se realiza na modesta casa dos Zamenhofs: meia dúzia de adolescentes reúne-se para celebrar o nascimento do Esperanto. Debruçados sobre o berço de uma gramática, cantando o hino de um povo inexistente, trocam palavras incompreensíveis a qualquer outra pessoa, animados por forte embriaguez intelectual.

Ao pai de Ludwig Lazar o espetáculo assustou, sem o entusiasmar. Quimeras dessa espécie poderiam por em risco o futuro do filho. Fê-lo prometer deixar de lado a idéia enquanto não tirar um diploma; depois, ainda não satisfeito com o resultado obtido, enquanto o filho obediente vai estudar Medicina em Moscou, queima-lhe secretamente toda a papelada perigosa, o idioma inteiro com suas raízes e afixos.

Ao voltar à casa paterna, pelas férias, o estudante vem a saber do gesto do pai com profunda mágoa. Agora ele se julga livre de qualquer compromisso. Não deixará de formar-se, mas consagra todas as suas horas de lazer à reconstrução do trabalho devorado pelo fogo. Durante anos elabora a sua língua, o que nos pode causar estranheza à vista da extrema simplicidade do esperanto. Observa-se, porém, que os predecessores de Zamenhof geralmente compunham a gramática e o vocabulário de seus respectivos idiomas e depois largavam-nos para que a humanidade os adotasse e desenvolvesse; mas como a humanidade sempre tinha outros afazeres mais importantes e urgentes, as pobres línguas estiolavam-se. O procedimento de Zamenhof foi completamente diverso: levou anos a experimentar as regras e os vocábulos inventados para ver como funcionavam na prática. Foi em parte com este fim que iniciou uma série de traduções, para o esperanto, de obras-primas da literatura mundial, entre elas, a Bíblia, peças de Shakespeare, Molière, Goethe, Schiller, Gogol, contos de Andersen. Só em 1887, quando a língua já estava devidamente experimentada, comunicou-a ao público, num livrinho editado com o auxílio material do futuro sogro.

(O trecho acima é de autoria do Prof. Paulo Rónai, extraído do seu livro "Homens contra Babel", publicado pela Zahar Editores, em 1964. A partir da 2a. edição, o livro passou a denominar-se "Babel e Anti-Babel").